

Começarei por relatar uma conversa que tive ontem junto do bar, que é, afinal, o sítio onde acontecem as conversas verdadeiramente importantes deste tipo de encontros. A conversa relacionava-se com o futuro das Faculdades de Letras, que é o tema para a sessão de hoje. Na altura eu disse que gostava de ter uma bolinha de cristal que me ajudasse a ver esse futuro. Disse aquilo em tom de brincadeira, mas fui para casa a pensar no assunto e descobri a desejada bolinha de cristal. Está aqui. É um documento do Ministério da Educação com os programas de Inglês para o 3 ciclo do Ensino Básico e para o Ensino Secundário. E vendo o futuro dos professores da Universidade por esta bolinha de cristal, é um futuro preto. Preto porque, se estes programas forem cumpridos, se conseguirmos formar os professores que aqui formamos actualmente e lhes dermos a capacidade de cumprirem cabalmente estes programas e os seus alunos os assimilarem devidamente, estamos a cometer um suicídio. E isto porque, aprendidos os conteúdos aqui estipulados, os alunos de Inglês do Ensino Secundário não precisarão de aprender mais nada.

Por outras palavras, entendo que os programas referidos são de uma ambição extrema, em termos de língua, em termos de conteúdos, em termos culturais, abrangendo a literatura, a linguística (incluindo a histórica), etc.

Mas talvez por isso é que a Universidade se tem de preocupar com o seu futuro. Acho que já não é possível que a Universidade aceite que os seus professores de línguas estrangeiras (e os outros também: os de cultura, linguística, literatura etc.) trabalhem sem conhecer estes programas. Eventualmente para reconhecerem que os alunos, quando cá chegam, não sabem nem 25% do que aqui se pede. Mas esta conclusão, ou verificação, pode ser útil para nós equacionarmos e nosso trabalho e particularmente para reivindicarmos aquilo que me parece essencial: é que a Universidade tome parte na construção dos programas para os Ensinos Básico e Secundário. E que estes níveis de ensino, por seu lado, tenham pleno acesso àquilo que se faz na Universidade. A ligação entre os níveis de ensino é algo que tem falhado em Portugal por culpas de ambos os lados, por suspeitas mútuas, mas é necessário quebrar estas barreiras a fim de que de uma cooperação total nacional possamos tirar melhores resultados.

Se da intervenção da Universidade na construção dos programas nascerem programas razoáveis, isto é, medianamente excquiáveis, perante cuja execução os professores dos níveis de ensino que nos precedem transmitam aos seus alunos uma capacidade mínima de entendimento e produção elementares da língua estrangeira em causa, ficar-nos-ia reservada a tarefa de complementação e aprofundamento. E não se confunda esta ideia com a defesa da nossa coutada ou a salvaguarda dos nossos postos de trabalho. Apenas me parece mais do que claro que o Ensino Secundário tem

limites, pode ir até determinado ponto com o tempo de que dispõe para o ensino das línguas. E nós teríamos aqui muito mais a acrescentar e temos, de facto, muito mais a acrescentar. Todos nós verificamos que as Provas Específicas têm dado os resultados que se vêem. Podem ser provas escritas muito mal elaboradas, podem até ser as piores que alguma vez surgiram nos sistemas educativos, mas elas têm permitido ver-se até que ponto os alunos entendem e produzem enunciados na língua estrangeira. E aquilo que vemos é, de facto, bastante desencorajador.

Para além dessa participação na elaboração de programas e de um melhor conhecimento mútuo, parece-me importante que a Universidade se ligue à preparação daqueles que para cá vêm em busca de um primeiro grau e de uma formação inicial, mas também através de qualquer coisa mais, tal como de acções de reciclagem e de formação contínua dos professores que já actuam nas escolas há muitos anos, no sentido de se promover uma reflexão acerca das suas práticas e, eventualmente, renovar os seus processos. A Universidade deve ser o lugar onde o acompanhamento ou a inovação devam ter lugar e não se esquecer de que, depois de lançar os novos diplomados no mundo do trabalho, neste caso no ensino, há, ou deveria haver, uma obrigação da Universidade de continuar a dar-lhes apoio. Porque o que eu tenho verificado é que a Universidade — suponho que não vou exagerar — se tem limitado a fazer uma crítica bastante negativa do trabalho dos nossos colegas dos Ensinos Básico e Secundário e não se lembra de que a grande parte da responsabilidade daquilo que critica é atribuível à mesma Universidade. Porque se eles são maus lá fora, é porque a Universidade não os preparou bem. Podem intervir outros factores, tais como as condições de trabalho, a proveniência social dos alunos, até os salários. Nós sabemos que tudo isso pode intervir, mas a Universidade não terá cumprido cabalmente o seu papel para que os licenciados pela faculdade, agora profissionalizados nos ramos educacionais, vão lá para fora com uma competência mínima aceitável, de modo a que as críticas que aqui vão sendo feitas possam de algum modo ser minoradas. Parece-me que a faculdade tem de ganhar alguma humildade e reconhecer que talvez não tenha sempre cumprido cabalmente o seu papel.

Mas isto resolve parte do problema em relação àqueles dos estudantes que para cá vêm com a intenção de, de futuro, se dedicarem ao ensino. Como a Belinda há bocado acentuou, há, de facto, deve haver, de facto, outras saídas. Nós aqui introduzimos a tradução há alguns anos como alternativa. Não será uma solução definitiva de emprego porque este é limitado. É preciso antes disso que a sociedade compreenda porque é que a tradução deve ser entregue aos tradutores e não àqueles que fingem ser tradutores, sem querer envolver neste julgamento a condenação daqueles que ao longo de muitos séculos vieram traduzindo, e às vezes muito bem, sem nunca terem lido uma linha sobre teoria da tradução e fizeram um bom trabalho. Mas muitos outros, sabemos bem, que hoje se entregam ao exercício da tradução não o podem fazer com qualidade. E temos de confiar em que aqueles que formamos por novos critérios, de forma mais ou menos actualizada, mesmo que limitados nas suas capacidades finais, estarão, teoricamente, melhor preparados do que aqueles que não têm nenhuma dessa preparação e que fazem a tradução por mera intuição.

Haverá muito mais que as Faculdades de Letras como tal poderão fazer? Talvez. Não como Faculdades de Letras, mas como combinações que já se vão verificando em alguns países estrangeiros, onde os cursos de línguas e literaturas aparecem combinados com outras especialidades que há bem pouco não tinham acesso às ciências humanas ou às ciências da linguagem, ou às literaturas. Mas isso esbarra com a nossa limitação de intervenção. Não podemos criar coisas do pé para a mão e talvez também esbarre com a nossa incapacidade de imaginarmos, criarmos novas saídas. Talvez estas duas pistas: a faculdade fazer a sua autocrítica, avaliar o seu próprio trabalho e fazer um esforço para se ligar ao antes e ao depois e com estas duas componentes passar a produzir algo de melhor. Acho que deve pôr definitivamente de lado a sua apetência para a crítica, nomeadamente a destrutiva, por esta não conduzir a nada.